
O sujeito psicológico em Adorno

PAULA CAMPOLINA OLIVEIRA

Introdução

O presente texto traz uma abordagem acerca do sujeito psicológico presente na obra de Theodor Adorno, enfocando os núcleos temáticos por ele mais abordados, além de buscar fazer uma análise do uso que este filósofo faz do Marxismo e da Psicanálise quando fala do indivíduo. Também será feita uma reflexão sobre os limites da Psicologia no sentido ético, normativo dessa disciplina.

O sujeito condicionado pela sociedade torna-se coisa

Segundo Adorno, apropriamo-nos da realidade, não só através da razão/pensamento, mas também via inconsciente, de modo irracional, ou seja, há um primado do objeto no sujeito. A

primazia do objeto significa que o sujeito carrega em si uma porção irreduzível à consciência. Conseqüentemente, toda teoria da subjetividade deve investigar o modo como a realidade social penetra na dinâmica inconsciente dos sujeitos, pois tanto o lado racional como o afetivo, tanto o inconsciente como o consciente são marcados pela sociedade. A dimensão psicológica é autônoma, mas não se pode negar o aspecto social dos comportamentos.

A manipulação das forças inconscientes, para longe do domínio do ego individual, é feita por um processo social de standardização, no mundo administrado. Ceder ao impulso, assim, se torna mais difícil, pois esbarra na punição social – as massas não atuam “instintivamente” pois estão condicionadas pela censura do poder (indústria cultural). A dialética da adaptação às realidades endurecidas tornam endurecidos os indivíduos, que, quanto mais se ajustam à realidade mais se convertem em coisas. Seu realismo acaba por destruir sua própria vida, superando a racionalidade auto-conservadora. O sujeito se dissolve na maquinaria da produção social: quanto mais os indivíduos são esvaziados de sua individualidade pela máquina social, a qual está vinculada ao sistema condicionador, tanto mais se eleva, ilusoriamente, o homem a um ser dotado do atributo da criatividade e da dominação absoluta.

Deste modo, o indivíduo e sociedade se tornam um, na medida em que a sociedade sobressai nos homens, impedindo sua individuação. A identidade que fica não é a reconciliação do geral e do particular, mas a absolutização do todo social, no qual desaparece o particular; “abstrai-se dos indivíduos psicológicos o transcendental, tornando-os apêndices da maquinaria social e por fim ideologia.”¹

1. ADORNO, *Sobre sujeito e objeto*, p.185.

Indústria Cultural

A Indústria Cultural é um sistema do capitalismo que controla o indivíduo de forma “prazerosa”, (sem que este perceba o controle exercido), pois ao consumir a indústria cultural, o indivíduo sente-se incluído em um universo imaginário proposto pela sociedade como “o bom”. Ele satisfaz uma necessidade, além de consumir imaginariamente o poder – “eu tenho, portanto sou”. O indivíduo não se reconhece no objeto consumido, ao contrário, ele molda sua subjetividade a partir do objeto. O objeto passa a ser objeto da subjetividade, porque ele simboliza o poder social.

É necessário que se diga que, para Adorno, o homem na indústria cultural é apenas instrumento, tanto de trabalho como de consumo, o que o qualifica como objeto. E esse homem-objeto sofre a manipulação e a ideologização, a ponto de seu lazer se tornar uma continuidade do trabalho, no qual ele seguirá a ideologia dominante.

Na indústria cultural, o indivíduo é apenas uma ilusão de si mesmo, e a padronização do modo de produção é uma das causas disso. Ele só é aceito na medida em que sua identidade torna-se incondicional com o universal. As singularidades do eu são apenas mercadorias facilmente monopolizadas e condicionadas que se fazem passar por algo banal.

A indústria cultural, que se norteia pela racionalidade técnica esclarecida, prepara as mentes para semear o esquematismo oferecido por ela – que aparece para os seus usuários como um conselho, um *know how* do qual o usuário se apossa sem se dar o trabalho de pensar, basta escolher. É a lógica do clichê. Receitas prontas, que podem ser empregadas indiscriminadamente, tendo como condição à aplicação ao fim a que se destinam. Nada escapa da indústria cultural, o que faz com que toda vida se torne repetição do todo social.

Como dizem Adorno e Horkheimer:

...ultrapassando de longe o teatro de ilusões, o filme não deixa mais à fantasia e ao pensamento dos espectadores nenhuma dimensão na qual estes possam, sem perder o fio, passear e divagar no quadro da obra fílmica permanecendo, no entanto, livres do controle de seus dados exatos, e é assim precisamente que o filme adentra o espectador entregue a ele para se identificar imediatamente com a realidade. Atualmente, a atrofia da imaginação e da espontaneidade do consumidor cultural não precisa ser reduzida a mecanismos psicológicos. Os próprios produtos (...) paralisam essas capacidade em virtude de sua própria constituição objetiva.²

2. ADORNO & HORKHEIMER, *Dialética do esclarecimento*: Fragmentos filosóficos, p.119.

A proposta da indústria cultural é ofuscar a percepção das pessoas, priorizando o poder daqueles que são formadores de opinião. Sendo assim, ele é a própria ideologia, regendo os valores e até mesmo influenciando e condicionando a felicidade dos indivíduos.

Desse modo, percebe-se que a indústria cultural hoje tem grande força econômica e psíquica, ela está imersa no cotidiano, passa a ser a própria vida cotidiana tanto em termos objetivos como psicológicos.

Elementos do Anti-Semitismo

Segundo Adorno, o anti-semitismo não é dirigido apenas contra os judeus, é um processo universal que vai além da especificidade da vítima, e a consequência filosófica disso é que, no preconceito, o objeto do preconceito é o que menos importa para explicá-lo.

Adorno, quando se refere aos elementos do anti-semitismo, diz que todo sujeito que mostra predisposição anti-semita é também um sujeito etnocêntrico, ou seja, predisposto a discriminar vários grupos. Ele tende a idealizar o grupo e o líder com os

quais se identifica, projetando qualidades negativas naqueles com os quais não têm identidade, tornando-os objetos do preconceito: vagabundos, judeus, protestantes, católicos, negros, homossexuais etc.: cada um deles pode tomar o lugar do inimigo.

O anti-semitismo baseia-se numa “falsa projeção”. Ele caracteriza o mais familiar como algo de hostil. Os impulsos que o sujeito não admite como seus e que, no entanto, lhe pertencem são atribuídos ao objeto: à vítima em potencial.

O preconceito é gerado na sociedade, no entanto, a sua internalização depende de motivações irracionais e necessidades inconscientes dos sujeitos, ou seja, compõe-se por meio de determinações objetivas e subjetivas, adquiridas durante o processo de socialização: elas são psicossociais. O que nutre os preconceitos é a própria dinâmica psicológica, não sendo fácil erradicá-los. Às vezes, a própria ciência pode servir para legitimar preconceitos ou colocar-se neutra frente a eles, como se não existissem.

“A psicologia anti-semita foi, em grande parte, substituída por simples ‘sim’ dado ao *ticket* fascista, ao inventário de *slogans* da grande indústria militante.”³ O papel da psicologia declinou, o indivíduo não precisa ser psicologicamente contra os judeus, basta aceitar a ideologia, o slogan, o *ticket* vigente: aceitar se omitir frente a perseguição.

A “Mentalidade de Ticket” divide o mundo em partidos rigidamente distintos. Não há mudanças, mas um congelamento da realidade em campos de forças que não mudam, e segue-se uma plataforma que já está pronta, sem muita reflexão.

3. ADORNO & HORKHEIMER, *Dialética do esclarecimento*, p.187.

Tipologia psicológica

“O fator que torna sempre plausível o enfoque tipológico não é de caráter estático – biológico senão, muito pelo contrário, dinâmico e social. O fato de que a sociedade humana tenha

4. ADORNO, *La personalidad autoritaria*, p. 697.

estado dividida em classes até a atualidade afeta algo mais que as relações externas entre os homens. Na alma do indivíduo caem impressas as marcas da repressão social.”⁴

A crítica das modernas sociedades passa necessariamente pela crítica do indivíduo. Na década de 1940, Adorno apresenta em “A personalidade autoritária”, uma espécie de tipologia psicológica: enquadram-se os sujeitos em “tipos” uma vez que as forças sociais impedem a individuação, submergindo o particular no mais geral. A tipologia pretende ser, portanto, uma denúncia do existente.

Há um processo de perda da individualidade que, na verdade, é despolitizante, pois junto com o enfraquecimento da consciência individual, reduz-se a capacidade de crítica social. Horkheimer explica tal processo através da obsolescência da unidade familiar. A consequência disso é a falta de contato com uma autoridade, o que origina uma falta de capacidade de crítica da própria autoridade. A sociedade burguesa atual é formada por indivíduos que podem ser usados como exemplos de uma heteronomia radical.

Desse modo, a questão do indivíduo é muito mais complexa e eminentemente ético-política, embora seja também psicológica. Quanto maior o grau de alienação social, menor será o desenvolvimento das individualidades.

Adorno e a Psicanálise

Adorno esteve sempre preocupado em romper com sistemas positivistas de pensamento, pois estes pregam a existência de algo positivo, que estaria no indivíduo e no ambiente, como uma essência, algo dado, invariável. Adorno, por outro lado acredita em um entrelaçamento dialético de sociedade e indivíduo.

A psicanálise revisionista americana é uma das correntes que adotam o ideário positivista, concebendo o ego como algo raci-

onal, que não depende do inconsciente. Ela corta a relação do ego com a libido. Assim como a civilização moderna se baseia na alienação da natureza e do sujeito, o ego também é visto como algo independente.

Já Adorno, em sua perspectiva dialética, concebe uma intercessão entre o ego e a libido, e uma intercessão dos dois com a sociedade/cultura. Há uma dialética, um entrelaçamento variável desses elementos.

Em termos freudianos, a dinâmica libidinal origina o caráter, diferentemente dos revisionistas, que cortam a relação impulso/caráter, colocando a cultura na base de tal dinâmica. Deslocar a raiz dos conflitos inconscientes para o consciente, para as relações conscientes do indivíduo com a sociedade, torna tudo superficial. Separar o indivíduo da libido, deixando apenas uma razão egóica plasmada pela sociedade e capaz de administrar os sentimentos, isto torna o indivíduo uma mera função do meio. A psicanálise precisa incluir as forças sociais em seu pensamento analítico, porém, não do modo como os revisionistas propõem pois, quanto mais se sociologizar a psicanálise, mais pobre esta se tornará enquanto órgão para obter um conhecimento dos conflitos de origem social.

Freud via a psicologia do indivíduo como uma psicologia Social. Uma psicologia na qual a dinâmica psíquica singular era vista como ligada às relações sociais mais amplas. Porém, ao mesmo tempo em que percebia o entrelaçamento indivíduo/sociedade, Freud pensava na sociedade como algo rígido, legitimando a repressividade da civilização. Ele não criticava a moral civilizada, aceitando, assim, sua repressividade. Adorno critica Freud, pois este não analisou até o fim o problema da civilização: será que a civilização tem razão ao limitar os impulsos dos indivíduos? É daí que os revisionistas desenvolvem sua teoria: o indivíduo 'são' é o indivíduo normalizado pela sociedade.

Tal consideração, porém, suscita uma questão: quais os

parâmetros de normalização? Quem define o que é bom e o que é ruim em uma sociedade? Saúde psíquica não é nem, pode ser, um mero ajustamento social, visto que nem sempre os padrões sociais são os melhores ou corretos. Deve-se lembrar que a realidade social é permeada por relações de dominação, as quais não são fundadas no bem-estar social, mas nos ditames da produção.

Diante disto, Adorno iguala a psicanálise revisionista à indústria cultural: as duas estão preocupadas com a integração do indivíduo à sociedade – isso é ideologia. Adorno tenta justamente desfazer totalidades ideológicas: a bela harmonia, a crença de que a sociedade é boa, mas que existe um ou outro indivíduo que é ruim; a idéia de que o indivíduo tem tudo para ser feliz, mas apenas aquele que se esforça vence na vida, enquanto aquele que é ruim fracassa. Esse mecanismo ideológico, que é muito difundido na indústria cultural, vide o “Big Brother”, é transposto para o interior de uma psicanálise revisionista, que prioriza as relações do “aqui-e-agora”, que é superficial e leva os indivíduos a se conformarem com as coisas como são: aquele que for “do contra”, lidaremos com seu ego para que ele perceba que está errado. O método catártico utilizado pela psicanálise revisada é o da adaptação e sucesso econômico, o que torna a psicanálise americana uma espécie de higiene, uma ideologia da normalização dos indivíduos.

Segundo Adorno, uma terapêutica da verdade é aquela que explicita a própria relação de dominação e o modo como as pessoas estão submetidas a ela. Explicita a infelicidade, mostrando que não são os únicos que passam por isso. A real terapia deve estimular o pressentimento da insuficiência da felicidade. Mostrar que a felicidade oferecida, a “felicidade do consumo” é apenas mais uma forma de dominação, de standardização do indivíduo.

Adorno e o Marxismo

Na sociedade capitalista, a força de trabalho tornou-se mercadoria. E por isso o trabalho foi coisificado, alienado, não aparecendo na consciência das pessoas como presente nas mercadorias. Esse fetichismo da mercadoria (aparência de independência e poder que a mercadoria adquire diante do trabalhador) acaba se apoderando das pessoas e as transforma em fetiches para si mesmas: os indivíduos precisam/querem ter o mesmo fascínio, a mesma visibilidade e mobilidade que as mercadorias possuem.

Adorno retoma Marx, ao salientar a questão da transposição do fetiche da mercadoria para o indivíduo, e a questão do valor de troca e do valor de uso dado às pessoas, as quais pensam e se vêem também como mercadoria/coisa. Sob o ponto de vista da comercialização, o vivente enquanto tal transformou-se a si mesmo em coisa, em equipamento.

Adorno volta-se para a questão segundo a qual a formação do indivíduo não é meramente biológica, mas também social, o que faz com que indivíduo reflita não só externamente, mas também internamente o processo social no qual está inserido. Sua autoconsciência, como um “ser-em-si” é ilusória, funcionando conforme a necessidade de produção, uma vez que “tudo que é individual funciona como mero instrumento da lei do valor”. Segundo Adorno, “o processo, que se inicia com a transformação da força de trabalho em mercadoria, permeia todos os homens – transformando-os em objetos e tornando, *a priori*, comensuráveis cada um de seus impulsos, como uma variante da relação de troca.”⁵

Todo empenho na adaptação, todos atos de conformismo relatados pela psicologia social e pela antropologia cultural são apenas epifenômenos. Adorno enfatiza que a “constituição or-

5. ADORNO, *Minima moralia*, p. 201.

gânica do homem” não diz respeito apenas às suas capacidades técnicas racionais, mas também, aos aspectos da natureza corporal que apareceram com a dialética social, e agora sucumbem a ela.

Até mesmo aquilo que não diz respeito à técnica vê-se incorporado ao homem como algo que atua na manutenção dessa técnica. Como exemplo, pode-se citar as diferenças psicológicas dos indivíduos, as quais são produzidas através da divisão do trabalho, e que também o dividem, fracionam, colocando-os num embate entre a liberdade e a produção, no qual acaba vencendo a produção.

Adorno tenta mostrar que, na verdade, existe uma ideologia individualista que diz que todos são livres para serem indivíduos plenos: “você tem o direito de ser feliz...desde que...”. Uma ideologia individualista, que não corresponde à situação da realidade do indivíduo na sociedade: indivíduos com problemas para se educar, com dificuldade de arranjar trabalho, aspectos que são grandes fatores de individuação.

A realidade do indivíduo, hoje, é de perigos, de precariedade, apesar disso, tem-se a indústria cultural fazendo um movimento para reconstruir as mesmas condições sociais, reproduzir as mesmas estruturas econômicas, fazendo com que o indivíduo acredite que “do jeito que está, está ótimo”, não havendo, assim, confrontação com o sistema.

Os Limites da Psicologia

A Psicologia emergiu como uma ciência autônoma no mesmo solo social que gerou a idéia do indivíduo como “mônada” (fragmento individual da realidade que é, ao mesmo tempo, uma síntese do universal), e sua função social tem sido alimentar as ilusões dos indivíduos sobre si mesmos, ou detê-los em suas

inaptações, favorecendo o controle social sobre eles.

O eu, idéia diretriz e objeto a priori da psicologia, tornou-se invariavelmente aos olhos dela ao mesmo tempo um não-existente. Na medida em que pode se apoiar no fato de que na sociedade da troca o sujeito não é sujeito, e sim, de fato, objeto dessa última, a psicologia pode fornecer-lhe armas para torná-lo mais do que nunca objeto e mantê-lo subordinado.

6. ADORNO, *Minima Moralia*, p. 54.

Os positivistas geraram teorias várias, inclusive psicológicas, e nessas a dimensão normativa é fruto da razão instrumental, a qual projeta para o interior do sujeito as características da divisão do trabalho. Como diz Adorno: “a psicotécnica não é meramente uma forma degenerada da psicologia, mas é imanente a seu princípio.”⁷

7. *Ibidem*, p. 54.

Assim, formulações como a de capacidades, inteligência, motivação, e até de personalidade, nessas teorias, são esvaziadas de sua condição moral, histórica, e são marcadas como sendo partes características e invariantes do próprio sujeito, o que é injusto para com ele.

Nessa linha positivista, estabeleceram-se alguns critérios normativos a partir da interioridade psíquica dos sujeitos, para classificar suas capacidades, inteligências etc. Esses critérios permitiam o enquadramento nas categorias normal/patológico, melhor/pior, mais/menos etc. Tal procedimento é alvo de crítica pois, hoje, segundo Adorno, a anomalia própria de nossa época consiste precisamente no que é normal.

Para o controle social dos indivíduos, a Psicologia contribuiu significativamente, na medida em que justificou sua forma alienada de existir como um fato em si. E o que é pior, atribuindo a culpa ao próprio indivíduo, e criando a partir de sua constituição como ser em si, caracterizações fixas de normal/anormal, saúde/doença. No entanto, cabe salientar que a Psicologia semeou em solo fértil a sua classificação dos indivíduos, pois ela sempre foi útil ao capital para aumentar a produtividade e o controle sobre eles. Além disso, pode se dizer que os indivíduos

prestam-se à classificação, na medida em que se deixam formatar segundo as características da sociedade.

É, pois, importante localizar os traços estereotipados nos homens, para que fiquem claras as marcas impressas pelo social neles, aquilo que tendenciosamente os enquadra numa classificação ou agrupamento. As Psicologias positivistas, juntamente com uma gama de testes e instrumentos de mediação e controle, reforçaram por mais de um século a generalização da idéia de indivíduo como “natural”, o que muito contribuiu para a ideologia individualista.

A cultura é peça fundamental para a reprodução do sistema. A ideologia proclama: o sistema é bom, logo todas as patologias estão só no indivíduo. Tem-se a patologização dos comportamentos, de certas emoções, de certas circunstâncias sociais. É a transferência dos problemas da sociedade para o indivíduo. É a patologização das condutas não-conformistas. Nesse quadro de fragilização real do indivíduo e, ao mesmo tempo, de ideologia de individualização e patologização do outro, a Psicologia pode tentar “fazer a pessoa funcionar”, ou passar a ser uma psicologia que traga para as pessoas a consciência de sua infelicidade, no interior das relações sociais.

Se a Psicologia não quiser ser meramente ideologia a serviço da justificação do todo, e portanto, servindo para manter os indivíduos submetidos a uma ordem social que os aniquila, precisa necessariamente ser crítica. Isso implica tomar seriamente duas questões fundamentais em sua constituição: a noção de razão que subjaz a suas teorias e o conceito de indivíduo de que se servem. Somente como crítica da razão e da pseudo-individuação a psicologia pode concretizar ações éticas, isto é, práticas ou teorias que funcionem com resistência ao processo de incorporação dos indivíduos ao todo.

Conclusão

O universo temático de Adorno é permeado por investigações acerca da alienação, da razão instrumental e do esclarecimento. Todos esses elementos têm como marco a problematização da cultura, nos diversos sentidos da palavra. Através desse universo, o foco privilegiado da atenção é a indústria cultural, a descaracterização da cultura no “mundo administrado”.

Esta se constitui como apelo às massas no sentido do consumo de “bens espirituais” cujo efeito incide na aceitação do *status quo* e na substituição da consciência individual pelo conformismo.

Segundo Adorno, a indústria cultural se comporta como meio de domesticação das massas, educando-as para as exigências de reprodução do capital. Ele constata que, no mundo moderno, o saber está a serviço do poder e o desenvolvimento da razão instrumental levou os homens a renunciarem à busca do sentido das coisas, substituindo “o conceito pela fórmula, a causa pela regra e pela probabilidade”⁸.

A crítica do cientificismo dominante no mundo moderno reverte a identificação entre progresso e mito, ou seja, o iluminismo, que se pretendia como instrumento para elevação intelectual, se manifesta historicamente como mistificação das massas.

A perda da identidade e da capacidade de resistência torna os indivíduos vulneráveis às diversas manifestações de violência características da sociedade autoritária. Pode-se dizer, portanto, que o pensamento de Adorno reside fundamentalmente na crítica do caráter manipulativo e da cegueira coletiva e, desse modo, estabelece que há algo a ser feito, em relação à autonomia individual e à formação humana.

“Quem não pensa, é pensado por outrem”⁹

8. ADORNO & HORKHEIMER, *Dialética do esclarecimento*, p. 21.

9. Zuleika Meijon Campolina de Oliveira.

Referências

ADORNO, Theodor W.; Acerca de la relación entre sociología y psicología. In: JENSEM. Henning (Coord.) *Teoría Crítica del sujeto*. Mexico: Siglo Veintiuno, 1986.

ADORNO, Theodor W. La revision del psicoanalisis. In: ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Sociológica*. Madri: Taurus, 1986.

ADORNO, Theodor W. *Minima Moralia*: reflexões a partir da vida danificada. São Paulo. Ática, 1992.

ADORNO, Theodor W. Sobre Sujeito e Objeto. In: ADORNO, Theodor W. *Palavras e Sinais*. Petrópolis:Vozes, 1995.

ADORNO, Theodor W. et al. *La personalidad autoritaria*. Buenos Aires: Proyección, 1965.

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

ALVES JUNIOR, Douglas Garcia. Adorno e a instabilidade do sujeito. *Pulsional Revista de Psicanálise*. São Paulo, n. 176, p.5-9, 2003.

CARONE, Iray. Necessidade e Individuação. *Trans/Form/Ação*. São Paulo, n. 15, pp. 85-111, 1992.

MAIA, Ari Fernando. Apontamentos sobre ética e individualidade a partir da mínima moralia. *Psicologia USP*. São Paulo, v.9, n.2, p.151-177, 1998.

O SUJEITO PSICOLÓGICO EM ADORNO

Resumo

Esse artigo aborda o pensamento e reflexões de Adorno, sobre os conflitos sociais gerados pelas forças sócio-culturais, que agem em favor do ajustamento do indivíduo ao todo, destruindo assim sua consciência individual. Ao afastá-lo de sua individualidade, remete-o à totalidade ideológica, ao conformismo, rebaixando-o ao nível de coisa/objeto. Adorno então nos remete ao sentido ético-normativo da Psicologia, a fim de propor uma psicologia crítica capaz de desfazer essa totalidade, buscando a individualização e conseqüentemente à resistência à alienação.

Palavras-chave: Indústria cultural; fetichismo da mercadoria; sujeito-objeto; anti-semitismo; tipologia psicológica.

THE PSYCHOLOGICAL SUBJECT BY ADORNO

Abstract

This article deals with Adorno's thinking and reflections on the social conflicts generated by the socio-cultural forces that act towards adjusting the individual to the whole, thus destroying his individual consciousness. By setting him apart from his individuality, it forwards him to the ideological entirety, to conformism, thus lowering him to the thing/object level. Adorno, therefore, leads us to the ethical-normative sense of Psychology in order to propose a critical psychology able to undo such entirety, thus seeking for individualization and, consequently, for resistance to alienation.

Key words: cultural industry; merchandise fetishism; subject-object; anti-semitism; psychological typology.

Résumé

LE SUJET PSYCHOLOGIQUE CHEZ ADORNO

L'article traite de la pensée et des réflexions d'Adorno sur les conflits sociaux engendrés par les forces socioculturelles qui agissent en faveur de l'alignement de l'individu au « tout », en détruisant par là sa consistance individuelle. Lorsque le sujet est écarté de son individualité, il est renvoyé à la totalité idéologique et au conformisme, se trouvant ainsi réduit au niveau de la chose/objet. Adorno nous ramène alors au sens éthique-normatif de la Psychologie afin de proposer une psychologie critique capable d'agir sur la totalité, cherchant l'individualisation et par conséquent la résistance à l'aliénation.

Mots-clés : *industrie culturelle ; fétichisme de la marchandise ; sujet-objet ; antisémitisme ; typologie psychologique.*